

‘ ‘ Glasnost ’ ’ e poesia

Traduções de HAROLDO DE CAMPOS, BORIS SCHNAIDERMAN e NELSON ASCHER

Tudo reduz-se a um único preceito,
que escondo, mas direi, chegada a hora.
Melhor que todos, sei a seu respeito,
mais que vivos e mortos, sei agora.

Jamais, por nada, confiaria a posse
desta palavra aos outros, todavia,
pois sequer a Tolstói — embora fosse
divino e eu, só mortal — não a diria.

Respondo pelo que é meu e somente
uma coisa me ocupa a vida inteira:
o que sei bem melhor que toda gente,
quero dizê-lo. E da minha maneira.

1958

Aleksandr Tvardóvski*

* Com a exceção desse poema de A. Tvardóvski, todos os outros só puderam ser publicados na União Soviética a partir de 1985.

Estou no imo da Idade – encobre-
se a rota, o tempo impõe distância –
e o freixo do bordão se cansa,
e é reles o bolor do cobre.

Vorôniej, inverno de 1936

Óssip Mandelstam

Deixaste igreja, grave glória,
pela praça – rumor, soluços...
– Liberdade! – Gentil senhora
dos príncipes e nobres russos.

Ensaia-se um coro – agonia –
Aguarda-se o ofício sagrado!
– Liberdade! – Mulher vadia
no enlace louco de um soldado.

26/5/1917

Marina Tzvietáieva

Não sigo os que deixaram nosso
país, para o inimigo atá-lo.
Não quero seus louvores grossos
nem lhes darei canções: eu calo.

Lastimo, no exilado, a agrura
do enfermo, do preso. A vereda
do peregrino é muito escura
e o pão alheio é losna, azeda.

Mas na fumaça e em todo assomo
do incêndio que nos tala restos
de juventude, nada opomos
sequer aos golpes mais funestos.

Pois cada hora e os seus motivos
terão valor frente ao futuro.
Ninguém, no mundo, é mais altivo
que nós, sem lágrimas e puros.

1922

Anna Akhmátova

Alma

Pêsames, alma, sentes
por meus muitos amigos!
Agora és, de inocentes
e vítimas, jazigo.

Devoto à sua memória
(e os embalsamo) o canto,
a minha lira chora
quebrada de quebranto.

Em nossa era soturna,
tens consciência, medo
e guardas-lhes, qual urna,
as cinzas em segredo.

O seu sofrer conjunto
dobrou-te por inteiro,
cheiras a pó defunto,
a morgue e a cemitério.

Alma, que viste atenta
as mais cruéis agruras,
por fim, feito moenda,
moeste essa mistura.

Moeste, remoeste
e móis tanto de insano
num miasma podre nestes
quase quarenta anos.

1956

Boris Pasternak

Rosas na Praça Venceslau

À memória de Jan Palach**

e branco-daguestânicas vocês
rosas-bandeiras são inumeráveis!

o tempo todo fileira após fileira ao longo
de todo o país!

vocês rosas-capitâneas: manifestas pelo resplendor!
e sangram: "eu – rosa-de-Praga!..."

"e eu – oniro-rosa: eu – por teu peito a dentro"

25/1/1969

Guenádi Aigui

** Jovem que se imolou pelo fogo em Praga, em protesto contra a invasão soviética.